

Fábio Fonseca de Castro

É comunicólogo e jornalista, doutor em Sociologia pela Université de Paris V (Sorbonne-Descartes), professor da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, coordenador do Grupo de Pesquisa Economia e Políticas da Identidade, Cultura e Comunicação. Email: fabio.fonsecadecastro@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5700042332015787>

**Geopolítica da
comunicação na Amazônia**

**Communication geopolitics
in the Amazon** 149

**Geopolítica de la comunicación
en la Amazonia**

RESUMO

O artigo elabora um panorama dos sistemas de comunicação midiática na região Norte do Brasil e de suas estratégias de atuação e reprodução social. Com esse objetivo, procura-se constituir uma tipologia das empresas, privadas e públicas, bem como dos diversos agentes de comunicação que atuam na Amazônia, observando suas relações sistêmicas e seu papel na economia midiática local.

Palavras-chave: Economia da Comunicação, Amazônia, Mídia.

ABSTRACT

This paper brings an overview of media communication systems in the Northern region of Brazil (the Amazon) observing its operational orientations and its strategies of social reproduction. The objective is to establish a typology of private and public organizations, as well as of the several communication agents who work in the Amazon, observing their systemic relations and their role in the local media economy.

Keywords: Communication economy, Amazon, Media.

RESUMEN

El trabajo desarrolla una visión general de los sistemas de comunicación mediática en la región norte de Brasil y de sus estrategias operativas y de reproducción social. Con este objetivo se busca establecer una tipología de las empresas, públicas y privadas, y de los diversos agentes de comunicación que trabajan en Amazonia, observando sus relaciones sistémicas y su papel en la economía local.

Palabras clave: Economía de la Comunicación, Amazonas, Los Media.

Submetido em: 4-10-2011

Aceito em: 23-4-2012

Introdução

A ocupação do espectro midiático, na região amazônica, obedece a lógicas sistêmicas superpostas, por vezes concorrentes, caracterizadas por perfis empresariais e modelos de negócio que frequentemente rompem as cadeias de atuação em forma de rede dos grandes *players* midiáticos nacionais. Observando as estratégias e os perfis de atuação dos grupos locais, bem como a atuação local dos grupos nacionais, procuramos construir, neste artigo, um quadro de referência geral que permita compreender as lógicas sistêmicas e as dinâmicas de reprodução social dos veículos de comunicação que atuam na região.

Uma geopolítica da comunicação, no sentido de ocupação e uso socioeconômico do espectro midiático, é, assim, o ponto de partida deste trabalho. Procuramos comparar os agentes que nele atuam, agregando-os segundo a posição que ocupam na cadeia da comunicação. Ao final da observação, perceberemos que esses grupos seguem padrões de atuação conforme sua dimensão sistêmica – ou seja, conforme se apresentem como grandes empresas, regionais ou nacionais, médias e pequenas empresas, empresas públicas e educativas, organizações religiosas e organizações comunitárias e populares.

Também percorremos os trabalhos que, tendo esse objetivo ou não, colaboram para descrever o

sistema de comunicação presente no espaço amazônico. Festa (1986) discute o funcionamento dos veículos a partir do ponto de vista de moradores de Santarém (PA). Vieira Júnior (1993) indaga sobre o grau de influência política nos jornais de Rondônia. Beltrão (1996) explora o papel da mídia no desenvolvimento sustentável. Taveira (1999) investiga o desenvolvimento da Rede Amazônica de Televisão e elabora um panorama da restante cena regional. Veloso observa a dimensão política dos grandes jornais paraenses (2008b) e a luta contra-hegemônica do jornalismo alternativo feito por Lúcio Flávio Pinto em Belém (1987-2011). O próprio jornalista tematiza constantemente a cena midiática no estado do Pará (PINTO 1987-2011), contribuindo com informações para a compreensão das relações internas do sistema estudado.

Como resultado dessa observação, podemos descrever o sistema de comunicação midiática na região dividindo-o, para melhor compreensão, em sete subsistemas ou categorias:

- os grandes grupos de comunicação;
- os grupos médios de comunicação;
- os grupos não sediadas na região, mas que nela possuem veículos próprios;
- os grupos religiosos de comunicação;
- os grupos de comunicação pública, estatal e educativa;
- as organizações de radiodifusão comunitária e de comunicação popular;
- as mídias e pequenas empresas de comunicação.

A seguir, procuramos descrever esses subsistemas, observando seu papel na sociedade amazônica.

Os grandes grupos de comunicação

O quadro abaixo descreve sucintamente a atuação dos cinco principais *players* que atuam no espectro midiático amazônico, os grandes grupos regionais, com proeminência não apenas midiática, mas também econômica e política.

Quadro 1: Grandes grupos de comunicação da Amazônia

| Grupos | Sede | Estados de atuação | Veículos | RTVs ¹ | Composição do grupo |
|---|------|---------------------|----------|--|---|
| ORM (Organizações Rômulo Maiorana) | PA | PA | 14 | 20 | Uma TV e dois jornais em Belém, duas TVCs, uma TVA ² , uma OT ³ , duas OMs ⁴ , cinco FMs ⁵ . |
| RBA (Rede Brasil Amazônia de Comunicação) | PA | PA | 7 | 6 | Duas TVs (Belém e Marabá), um jornal, uma OM, uma OT e duas FMs. |
| Rede Amazônica de Televisão | AM | AM, AC, AP, RO e RR | 13 | 184, sendo 88 no AM, 45 em RO, 22 no AC, 18 em RR e 15 no AP | Tem cinco TVs, nas capitais do AM, AC, RR, RO e AP. E ainda a Amazônia Cabo, em Porto Velho, além de uma DTH ⁶ e uma TVA em Manaus, ambas transmitindo a Amazon SAT. Possui cinco rádios, sendo quatro FMs – no AM, AC, RO e AP – e uma OT, no interior do AM. |
| Calderaro | AM | AM | 11 | 34 | Uma TV, um jornal diário, uma OT e duas FMs em Manaus e outras duas no interior. |

| | | | | | |
|--------------------------------------|----|----------------|-----------------------------|----|---|
| OJC (Organização Jaime Câmara) | GO | GO, TO e DF | 24 (sendo 9 no TO) | 66 | O grupo tem três geradoras no TO, em Palmas, Gurupi e Araguaia (e outras sete em GO). Também tem três FMs, que formam a Rede Araguaia (e outras duas em GO e uma no DF) um jornal em Palmas (e outro em GO), uma OT (e outra em GO) e uma OM (e outra em GO), além de duas OCs em GO. Todas as emissoras radiofônicas levam o nome de Rádio Araguaia. |
|--------------------------------------|----|----------------|-----------------------------|----|---|

Fonte: Projeto de Pesquisa Geopolítica da Comunicação na Amazônia. UFPA/PPGCOM, 2010-11

Notas do quadro

- 1 RTV, ou retransmissora de TV, é um serviço de radiodifusão de sons e imagens, em VHF (Very High Frequency) e UHF (Ultra High Frequency), que amplia a área de cobertura de sinal, por parte de uma estação geradora.
- 2 A TVA, ou TV por assinatura, distribui sons e imagens a assinantes por meio de um único canal UHF (Ultra High Frequency), e por meio de sinais codificados que são transportados por espectro radioelétrico, o mesmo utilizado pelos canais comuns de televisão.
- 3 OT, ou Ondas Tropicais, é um sistema de radiodifusão similar ao OM, mas que opera em frequência de 3.200 kHz a 5.060 kHz.
- 4 OM, ou Ondas Médias, mais popularmente conhecida como AM (amplitude modulada), é um serviço de radiodifusão sonora de sinal extenso, mas com pouca qualidade técnica, por operar exclusivamente em sistema mono. É operado, no Brasil, desde a década de 1920, mas vem perdendo espaço, desde os anos 1980, para o FM, de qualidade técnica superior.
- 5 FM, ou Frequência Modulada, é um serviço de radiodifusão de som implantado no Brasil no início dos anos 1980. Possui boa qualidade de áudio estéreo e é de fácil operacionalidade.
- 6 O DTH, ou Serviço de Distribuição de Sinais de Televisão e de Áudio por Assinatura via Satélite, distribui sinais de televisão, áudio, ou ambos, por meio de satélites, a assinantes localizados na área de prestação.

O primeiro elemento que chama atenção é o baixo número de retransmissoras nos dois grupos do estado do Pará. Isto se deve a dois fatores: em primeiro lugar, a uma dinâmica específica do mercado paraense, que possui um número grande de empresas médias de comunicação, as quais se afiliam aos grupos dominantes no estado ou diretamente às grandes redes nacionais; em segundo, a uma tendência à exploração usurária do patrimônio público que não pode ser compreendida senão num cenário de relações atávicas entre o mercado da mídia e a política, tendência essa que permitiu a cessão, pelo Governo do Estado, para o grupo ORM, de 77 retransmissoras de sua televisão pública, entre 1995 e 2007.

O grupo ORM começou a operar em 1966, quando o comerciante Rômulo Maiorana adquiriu o jornal *O Liberal*, criado em 1945 como um veículo de propaganda do Partido Liberal. Em 1969, comprou seu concorrente histórico, o tradicional *Folha do Norte*. Ao longo dos anos 1970 foram criadas as rádios *Liberal AM* e *Liberal FM* e a *TV Liberal*, em 1977, que se tornou afiliada da Rede Globo. A empresa tem uma dimensão de primeira grandeza como *player* político e econômico no Pará.

No estado do Amazonas percebe-se uma tendência inversa, de concentração. A Rede Amazônica reproduz a Globo em cinco dos sete estados da região. A primeira emissora de TV do grupo entrou em operação em 1972 e, perfeitamente alinhada ao regime militar, expandiu-se com a missão de “integrar” a Amazônia. A partir de 1983, as emissoras de Porto Velho, Rio Branco, Boa Vista e Macapá passaram a ser afiliadas da Rede Globo, e em 1986 a emissora de Manaus também se juntou ao grupo. Com a programação unificada, foi possível a utilização de um canal exclusivo do Brasilsat, que possibilitou a

transmissão centralizada em Manaus, numa experiência que durou até 2010, quando passou a vigir o processo contrário, de estadualização dos sinais.

O outro grupo amazonense de expressão é a Rede Calderaro de Comunicação. Igualmente alinhado ao regime de 1964, esse grupo, fundado em 1949, passou à condição de veículo dominante no jornalismo impresso no final da década de 1960. O grupo edita três jornais: *A Crítica*; o *Jornal do Comércio*, dedicado à economia; e o tablóide *Manaus Hoje*. Também possui dois canais de TV em Manaus: TV A Crítica, afiliada à Rede Record, e a RedeTV! Manaus, além de sete retransmissoras no interior do estado. Possui, também em Manaus, duas emissoras de rádio.

O quinto grupo de dimensão econômica e política expressiva na região Norte está no estado do Tocantins. Por suas origens – considerando que a área do estado, antes de ser criado, integrava a região Centro-Oeste –, guarda uma proximidade maior com Goiás e com essa região do que com a Amazônia. Trata-se da OJC (Organização Jaime Câmara), que possui 24 concessões de rádio e TV nos estados do TO, GO e DF, nove das quais no TO. Nesse estado, o grupo possui três geradoras, em três diferentes cidades: Palmas, Gurupi e Araguaína. Também tem, no estado, três FMs, que formam a Rede Araguaia e um jornal em Palmas, além de uma emissora OT e outra OM.

Os grupos médios de comunicação

Na sequência dos grandes grupos há um bloco de empresas médias de comunicação. Com frequência associadas ao capital econômico e/ou político de indivíduos proeminentes na cena regional, elas atuam como contrapesos em relação aos grandes grupos. Seu impacto é geralmente localizado em mesorregiões dos estados amazônicos, mas, conjun-

turalmente, podem ter uma importância significativa sobre as relações econômicas e políticas das cenas estaduais e/ou regional. Dentre esses grupos, identificamos cinco no Pará, quatro no Amazonas, três no Amapá e em Rondônia e dois nos estados do Acre e Tocantins e um em Roraima.

Quadro 02: Grupos médios de comunicação

| Grupos | Sede | Atuação | Veículos | RTVs | Composição do grupo |
|---|------|---------|----------|------|--|
| Tapajós | PA | PA | 2 | 4 | Uma TV e uma FM em Santarém. |
| Floresta | PA | PA | 2 | 17 | Uma FM e uma OM em Tucuruí. |
| Ponta Negra | PA | PA | 1 | 12 | Uma rádio OM em Santarém. |
| Marajoara | PA | PA | 4 | 1 | Uma RTV em Ananindeua, três FMs (Belém, Soure e Alenquer), e uma OM (Belém). |
| Ajuricaba | AM | AM | - | 50 | |
| Raman Neves | AM | AM | 5 | 3 | Dois jornais, uma FM e uma TV em Manaus e uma OT no interior do estado. |
| Alvorada | AM | AM | 4 | | Um jornal e três rádios (OT, FM e OM), todos em Parintins. Duas retransmissoras no AM. |
| Grupo Francisco Garcia (Sistema de Comunicação Rio Negro) | AM | AM | 1 | 16 | Uma TV em Manaus. |
| Sistema Meridional de Comunicação | RO | RO | 7 | 31 | Duas TVs em Porto Velho e cinco FMs em diferentes cidades do estado. |

| | | | | | |
|--|----|----------------|----|----|---|
| SGC – Sistema Gurgacz de Comunicação | RO | RO (e MG) | 5 | 12 | Um jornal e uma FM em Porto Velho, uma OM e uma TVC em Ji-Paraná e um supoprtre MDS em Minas Gerais. |
| SIC – Sistema Imagem de Comunicação | RO | RO | 2 | 8 | Duas FMs em Porto Velho. |
| Sociedade Acreana de Comunicação Fronteira | AC | AC | 2 | 0 | Um jornal e uma TV em Rio Branco. |
| Fundação Verdes Florestas | AC | AC | 2 | 7 | Duas rádios (OT e FM) em Cruzeiro do Sul e sete retransmissoras espalhadas pelo estado. |
| Rede Tropical de Comunicação | RR | RR | 2 | 0 | Uma TV e uma FM em Boa Vista. |
| Record News | SP | PA | | 1 | Uma retransmissora em Belém. |
| Beija-Flor | AP | AP | 5 | 1 | Uma TV em Macapá, duas OMs e duas FMs no interior. |
| Rede Marco Zero de Comunicação | AP | AP | 3 | 1 | Uma TV, uma OM e uma FM em Macapá. |
| Boa Sorte (Rede Brasil Norte de Comunicação - RBN) | TO | TO, PA, GO, MT | 13 | 3 | Uma TV, três OMs e nove FMs, das quais quatro no interior do PA, quatro no TO e uma no MT. |
| Grupo Siqueira Campos | TO | TO | 5 | 17 | Um jornal, duas FMs e duas OTs. O jornal, uma FM e um OT estão em Palmas. As outras duas emissoras no interior do estado. |

Fonte: Projeto de Pesquisa Geopolítica da Comunicação na Amazônia. UFGA/PPGCOM, 2010-11

O Pará tem uma cena midiática complexa. No oeste do estado, a Globo é repetida pela Rede Tapa-jós, fundada em 1979, em Santarém, e que também possui uma rádio FM. Ainda nessa cidade está sediado o grupo Ponta Negra, fundado em 1987, que possui uma geradora e é afiliado ao SBT. Já com sede em Marabá, no sudeste do estado, está a RCR (Rede de Comunicação Regional), afiliada à Band. O Sistema Floresta de Comunicação, por sua vez, criado em 1982 e afiliado ao SBT, está sediado em Tucuruí, mas mantém importante rede de 17 retransmissoras espalhadas pela microrregião do Baixo Amazonas e pelo nordeste do estado. Um quinto grupo de porte médio é o Marajoara, de propriedade do empresário e ex-governador do estado Carlos Santos. O forte do grupo são suas emissoras de rádio, uma OM e outra FM em Belém e FMs nas cidades de Soure e de Alenquer, todas elas de importante audiência. O grupo também possui uma retransmissora de TV localizada em Ananindeua, na região metropolitana de Belém.

No Amazonas, o Grupo Raman Neves, afiliado ao SBT, tem se expandido com agilidade em direção à rádio e à imprensa escrita. No Amapá, o grupo Beija Flor forma um *link* com outras estações de rádio e TV para exibição de seus noticiosos, alcançando uma penetração de quase 100% no território estadual. Por sua vez, o grupo Marco Zero possui um canal de TV, afiliado à Rede Record, e duas rádios, uma OM e outra FM, além de uma RTV, mas tende a se concentrar na capital. É de propriedade de três deputados estaduais ligados ao PSDB e ao DEM: Jorge Amanajás, Dalto Martins e Edinho Duarte. Embora seja uma empresa com capacidade de emissão reduzida, tem significativa influência sobre a política estadual, sobretudo nos momentos eleitorais.

Em Rondônia, percebe-se uma grande concorrência entre o Sistema Gurgacz de Comunicação,

o Sistema Meridional de Comunicação e o Sistema Imagem de Comunicação.

No Acre são dois os grupos pertencentes à categoria: a Sociedade Acreana de Comunicação Fronteira e a Fundação Verdes Florestas. O primeiro deles destaca-se por seu jornal impresso, o *Rio Branco*, também possuindo uma geradora de TV. O grupo Verdes Florestas está sediado na cidade de Cruzeiro do Sul, onde possui duas estações de rádio (OM e FM), mas também possui sete RTVs.

Em Roraima, o único concorrente da Rede Amazônica é a Rede Tropical, fundada em 1988, de propriedade do deputado federal Luciano Castro (PL) e do senador Mozarildo Cavalcanti (PTB), afiliada ao SBT.

No Tocantins há uma tendência à desconcentração geográfica do sistema. O grupo Siqueira Campos concentra-se na capital, Palmas, onde possui um jornal e duas rádios (OM, FM). Além de outras duas rádios no interior, também possui 17 RTVs. Já o grupo Boa Sorte, a Rede Brasil Norte de Comunicação, tem sua sede na cidade de Araguaína, ao norte do estado e tem um diálogo maior com a região amazônica. Este último grupo, apesar de possuir somente três RTVs, afiliadas ao SBT, suas doze estações de rádio o projetam como uma força midiática importante.

Os grupos não sediados na região, mas que nela possuem veículos próprios

É um bloco diminuto de empresas, mas com influência decisiva, particularmente sobre o cenário de comunicação do estado do Pará. São as grandes redes nacionais que possuem concessões próprias na região, o que lhes permite atuar como *players* econômicos e políticos de primeira linha. Os destaques são as geradoras de TV que as redes nacionais Record e SBT possuem em Belém. Além de sua geradora em Belém,

a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) só possui duas outras RTVs na região, uma em Manaus e outra em Macapá, ambas retransmitindo o sinal de sua segunda rede, a Record News. Também deve ser citado o grupo Abril, que, por meio de sua empresa MTV, possui duas RTVs na região, em Belém e em Manaus.

As outras redes nacionais, Band, Rede TV! e Globo, não possuem outorgas na região. Algumas empresas menores, no entanto, têm procurado obtê-las, como o grupo Bardawill, sediado em Fortaleza (CE), onde possui uma geradora de TV, a TV União, mas que possui, no Acre, uma rádio FM, em Rio Branco, e nove RTVs. No campo das redes religiosas tem destaque a expansão, na Amazônia, das empresas da família Monteiro de Barros, a Televisão Independente de São José do Rio Preto, que possui 38 RTVs na região, repetindo a Rede Viva.

Os grupos religiosos de comunicação

Neste bloco incluímos as organizações midiáticas dedicadas especificamente à evangelização, sejam elas sediadas na região Norte ou em outras regiões brasileiras, mas com atuação na região. Deixamos de fora desse grupo, portanto, a Rede Record de Televisão, que, apesar de desenvolver uma ação de proselitismo religioso, defendendo os interesses da Igreja Universal do Reino de Deus, sua controladora, atua segundo o padrão comercial e a lógica informativa das demais grandes redes nacionais de comunicação.

A região reproduz o fenômeno percebido em todo o território brasileiro, referente à ocupação ideológica e empresarial de parte substancial do espectro midiático por essas organizações. Algumas delas têm abrangência nacional, outras, uma abrangência regional e algumas, ainda, apenas uma participação localizada, restrita a grupos de poucos municípios

contíguos e/ou próximos, ou então, numa variação desse modelo, estando presentes em pontos dispersos da região, conforme lhes seja possível adquirir empresas e/ou receber concessões. Esse cenário é sintetizado no quadro abaixo:

Quadro 03: Redes religiosas de comunicação

| Grupos | Sede | Atuação | Veículos | Retransmissoras | Composição do grupo |
|---|---------|----------------|----------|-----------------|--|
| Rede Nazaré (Arquidiocese de Belém do Pará) | PA | PA, MT, TO | 2 | 79 | Uma TV e uma FM. |
| Assembleia de Deus (RBN) | PA e AM | AM, PA, AC, RO | 3 | 88 | O grupo tem três geradoras, em Belém, Manaus e Porto Velho. Também tem três OMs, nessas mesmas cidades, e quatro FMs, em Belém, Manaus, Porto Velho, Rio Branco. |
| FEC (Fundação Educadora de Comunicação) | PA | PA | 3 | 1 | Três rádios (OT, OM e FM), todas em Bragança. |
| LBV | RJ | AM | 1 | 0 | A rede, nacional, possui um único veículo na região Norte, uma rádio OM no interior do AM. |
| Fundação João Paulo II | SP | SP, TO, | 1 | 5 | Uma OM em Palmas e seis retransmissoras, três no TO e três no AM. |
| Rede Novo Tempo | SP | PA | 1 | 0 | Uma rádio OM em Belém. |

Fonte: Projeto de Pesquisa Geopolítica da Comunicação na Amazônia. UFPA/PPGCOM, 2010-11

Dentre as organizações religiosas nacionais com atuação na Amazônia tem-se a própria Rede Record, pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus, que além de sua própria rede de geradoras, retransmissoras e rádios, possui extensa rede de grupos afiliados; o grupo RR Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus; a Rede Canção Nova, pertencente à Fundação João Paulo II, e a rede da Legião da Boa Vontade.

Os grupos de comunicação pública, estatal e educativa

Herança do período militar, o sistema de radiodifusão hoje mantido pela EBC, empresa pública que encampou a antiga Radiobrás, possui 15 concessões de televisão na região. A empresa possui também duas emissoras de rádio transmitindo para a região, ambas com imenso impacto sobre a audiência local, a Rádio Nacional da Amazônia, que alcança a maior parte do espaço amazônico e a Rádio Nacional do Alto Solimões, que transmite para os nove municípios dessa mesorregião do estado do Amazonas, área fronteira com a Colômbia e o Peru.

Há outros grupos de comunicação pública na Amazônia. O Governo do Pará, por meio de sua Fundação de Telecomunicações (Funtelpa), possui uma geradora em Belém, uma emissora FM e outra OT, que, juntas, compõem a Rede Cultura de Comunicação, com 79 RTVs.

Os governos do Acre, Rondônia, Tocantins e Roraima também possuem estruturas próprias de comunicação. No primeiro desses estados, a TV Aldeia alcança um território que avança sobre o Amazonas, o Peru e a Bolívia. O governo de Rondônia possui 52 retransmissoras de TV, mas não produz conteúdo próprio. Todas elas repetem, atualmente, a Rede Brasil.

Roraima, por sua vez, possui dez retransmissoras. A emissora pública do Tocantins é gerida pela Fundação Universidade de Tocantins, com uma estrutura de repetição também importante. O estado que possui o sistema mais fraco é o Amazonas, composto por uma geradora e duas retransmissoras que repetem a Rede Brasil e, ainda, duas emissoras de rádio.

Organizações de radiodifusão comunitária e de comunicação popular

Há 37 rádios comunitárias no Pará, muito pouco para alcançar a meta de uma emissora comunitária, ao menos, em cada um dos 144 municípios do estado. O Amazonas tem 28 emissoras comunitárias; Rondônia possui 20; o Tocantins, 12; o Amapá, 5; Acre e Roraima possuem três radcoms, cada um. Conseguimos levantar o número de 54 emissoras não legalizadas, atuando clandestinamente no Pará, onde a pressão dos movimentos sociais por uma comunicação mais democrática é mais intenso, mas não recolhemos dados semelhantes a respeito do outros estados.

As mídias e pequenas empresas de comunicação

Neste grupo reunimos as pequenas e médias empresas de comunicação que atuam na Amazônia. Seu alcance é limitado, invariavelmente, a uma localidade ou ao espaço de dois ou três municípios, em geral fronteiriços e, eventualmente, a um segmento de recepção. Não obstante seu alcance moderado, ocorre que esses pequenos veículos, algumas vezes, possuem uma importância econômica e/ou política expressiva no jogo mais amplo da geopolítica midiática da região. Dentre essas empresas incluem-se as RTVs e emissoras de rádio, mas também os jornais e revistas locais e empresas de comunicação por

fonía externa, as “bocas de ferro”, ou “rádios-poste”, que têm um papel destacado no campo comunicativo da região.

Discussão

A noção de sistemas de comunicação ajuda a formular questões sobre a Economia Política da Comunicação (EPC) ao pressupor que as estratégias de reprodução social dos diversos atores do campo comunicativo correspondem a jogos de poder que preveem ações escalonadas e movimentos de parceria, concorrência ou indiferença entre si. Com efeito, o modelo de negócios da comunicação midiática, puxando para sua esfera de influência a comunicação de matiz público, estatal, educacional e mesmo comunitário e popular, organiza-se por meio de conformações sistêmicas. Não apenas o mercado é sistêmico, mas também a luta contra-hegemônica o é, e mesmo o questionamento a respeito do modelo feito de dentro dele próprio e os conflitos internos do mercado tende a se desenvolver sistemicamente.

Compreendemos a EPC como uma percepção crítica das dinâmicas subjetivas e objetivas presentes na relação entre as formas de comunicação e as estruturas sociais, um referencial teórico discutido por Bolaño (2008), Bolaño e Brittos (2008), Bolaño, Mastrini e Sierra (2005), Brittos (2008) e Jambeiro, Bolaño e Brittos (2004) e por meio do qual se procura explicitar uma taxonomia das indústrias culturais e sistematizar um modelo analítico crítico com o objetivo de “identificar a trama de problemas e teorias com as quais se concebem as realidades persistentes do novo entorno informativo” (BOLAÑO; MASTRINI; SIERRA, 2005, p.25), o que seria realizado por meio de uma “análise genealógica de reconstrução histórica que faça compreensível as contraditórias con-

dições sociais, acadêmicas e político-culturais que determinam o alcance do pensamento emancipador em comunicação” (BOLAÑO; MASTRINI; SIERRA, 2005, p.27).

O horizonte da interpretação iniciada com este artigo pensa a EPC como uma dinâmica cuja principal materialização conflitual contemporânea é a relação entre os sistemas-mundo, os sistemas nacionais e os sistemas regionais/locais.

Assim, pode-se perceber como os grupos de comunicação mencionados atuam segundo uma lógica de reprodução que, acima de tudo, é sistêmica. Essa lógica obedece a um padrão de atuação escalonado e hierarquizado. A matéria-prima dessa atuação é a distribuição da informação. A equação é simples: quanto maior o poder de difusão, de atuação em rede, maior a presença do capital essencial do setor, que é o capital comunicacional.

Há, porém, um fenômeno que rompe essa lógica: a força contrária da demanda pela informação local, um impulso que questiona a legitimidade da rede, embora não invalide o sistema. A Rede Amazônica de Televisão é o melhor exemplo disso: cresceu e se fortaleceu por meio de um sólido capital comunicacional, aferido por sua extensa malha de geradoras e retransmissoras; mas passou a ceder diante da pressão local pela informação e teve que abrir mão de seu noticiário unificado e centralizado na cabeça da rede, em Manaus, e permitir que as sedes estaduais passassem a gerar seus próprios jornais. O eventual processo de uma informação híbrida, fundindo os diversos fluxos e generalizando-os para todas as pontas receptoras, parece não ter vez no modelo de negócios praticados, seja por falta espaço, seja pela própria incompreensão de um modelo que não pressuponha a centralização.

Na verdade, a real centralização está na Rede Globo, da qual a Rede Amazônica é apenas uma afiliada, mas também em relação a ela as redes locais passam a desenvolver sua demanda própria pelo controle da distribuição de informação. A perpetuidade desse ciclo de disputa pelo poder de informar, que opõe a lógica de concentração à lógica de acessibilidade, é, justamente, o que conforma o sistema e confere valor ao capital, por assim dizer, comunicativo.

No estado do Pará observa-se uma cena midiática bem menos centralizada e mais concorrencial, com duas peculiaridades: o papel de uma rede religiosa local, a Rede Nazaré, e o papel das múltiplas pequenas e médias empresas de comunicação. Essa diversidade não invalida a lógica do sistema – pois todas elas continuam se vinculando em rede para reproduzir seu capital comunicativo – e apenas reafirma a hipótese de uma força centrípeta, representada pela demanda local por informação, em seu impulso de questionar a legitimidade da rede sem invalidar o sistema. Na verdade, a tendência a localizar a produção da comunicação sem invalidar o princípio da atuação sistêmica parece ser a condição atual dominante no setor.

Na Amazônia, região periférica do capitalismo brasileiro e, em sua formação econômica, um espaço em geral internacionalizado, essas lógicas apresentaram-se de maneira evidente, mas com seus conflitos peculiares. O tecido de sistemas de comunicação midiática desse espaço regional possui uma vida própria, imiscuindo-se na teia de dinâmicas culturais, políticas e econômicas da vida local.

Referências

BELTRÃO, J. F. Desenvolvimento sustentável e o papel dos mídia na Amazônia Brasileira. **Revista Brasileira de Comunicação**,

São Paulo, INTERCOM/CNPq/FINEP, v. XIX, n. 02, p. 79-92, jul./dez.1996.

BOLAÑO, C.; MASTRINI, G.; SIERRA, F. (Orgs). **Economía política, comunicación y conocimiento**. Buenos Aires: La Crujía, 2005.

BOLAÑO, C. (Org.). **Comunicação, educação, economia e sociedade no Brasil**: desenvolvimento histórico, estrutura atual e desafios do século XXI. São Cristovão: UFS, 2008.

BOLAÑO, C.; BRITTOS, V. C. Economia política da comunicação no Brasil: o avanço da reflexão crítica. In: MARQUES DE MELLO, J. (Org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRITTOS, V. C. (Org.). **Economia política da comunicação**: estratégias e desafios no capitalismo global. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

CASTRO, D. De saída, ministro dá 56 canais a católicos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 jan. 2004, Caderno Poder, p. 5.

CREPALDI, L. Grupos midiáticos do Norte brasileiro: Processos de regionalização, nacionalização e internacionalização. In: III Intercom Júnior, **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, Intercom / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2005.

FADUL, A.; REBOUÇAS, E. Por uma perspectiva metodológica para os estudos dos sistemas e grupos de mídia: o caso do Nordeste brasileiro como referência. In: Encontro dos Núcleo de Pesquisa da Intercom, **Anais do XXVIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**. Rio de Janeiro: Intercom / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2005.

FESTA, R. D. Comunicação na selva amazônica. **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, INTERCOM/CNPq/FINEP, v. IX, n. 54, jan./jun. 1986.

JAMBEIRO, O.; BOLAÑO, C.; BRITTOS, V. C. **Comunicação, informação e cultura**: dinâmicas globais e estruturas de poder. Salvador: Edufba, 2004.

MARQUES DE MELO, J. Economia política da comunicação no Brasil de 1923-2008 - Precursores, pioneiros, baluartes e vanguardistas. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 15-31, jan./jun. 2009.

MOSCO, V. **The political economy of communication: rethinking and renewal**. Londres: Sage, 1996.

PINTO, L. F. **Jornal Pessoal**, coleção da publicação. Belém: 1987-2011

_____. A mesma origem dos jornais rivais. In: **Jornal Pessoal**, Belém, n. 398. 2ª quinz. ago. 2007.

SMYTHE, D. W. Communications: blindspot of economics. In: MELODY, W. H.; SALTER, L.; HEYER, P. (Eds.). **Culture, communication and dependency: the tradition of H. A. Innis**. Norwood, NJ: Ablex, 1981.

TAVEIRA, E. D. **Rede amazônica de rádio e televisão e seu processo de regionalização (1968-1998)**. 1999. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

VELOSO, M. S. F. **Imprensa, poder e contra-hegemonia da Amazônia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - ECA/USP, São Paulo, 2008a.

_____. Jornal como empresa e política como negócio: um perfil do patronato de mídia no Pará. In: **Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. 6., 2008, São Bernardo do Campo: Universidade do Estado de São Paulo (Unesp), 2008b.

VIEIRA JUNIOR, A. **Rondônia-1987 a influência do poder político nos jornais de Porto Velho**. 1993. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo.